

Por que usar os Estudos Culturais em pesquisa sobre TV?

Lauren Ferreira Colvara

Mestranda do Programa de Pós graduação em Comunicação Midiática - bolsista FAPESP
FAAC/UNESP – Bauru, SP

Resumo

Este trabalho tem por objetivo explicar e demonstrar alguns aspectos da metodologia dos Estudos Culturais, como contribui e como pode ser aplicada à pesquisa sobre televisão. O estudo trata inicialmente da trajetória da escola britânica destacando as mudanças metodológicas, de sua origem a atualidade. Para assim tratar diretamente do esboço de uma metodologia aplicada à televisão, com seu uso e conseqüências. O encerramento do artigo com reflexões/justificativas da metodologia para a pesquisa da televisão brasileira dentro de seu contexto cultural.

Palavras-chave: Estudos Culturais, Televisão, Metodologia.

Introdução

Trata - se de estudos analíticos e críticos, da cultura popular e de massa em seus produtos criados que refletem os discursos sociais hegemônicos, como também os movimentos de resistência culturais originados nas culturas populares.

Os Estudos Culturais vêm nas manifestações culturais diversas articulações de posições ideológicas específicas com grande grau de complexidade, pois em determinado momento servem aos interesses da hegemonia dominante, em outro, como resistência às formas dominantes de cultura e sociedade.

Desta forma a sociedade é um território que contém resistência e dominação. Os meios de comunicação funcionam como armas nesta guerra simbólica. Eis a importância de se estudar a televisão, pois se trata do meio de comunicação de massa com maior alcance na sociedade em todos os seus níveis e subníveis, isso quer dizer, nas divisões socioeconômicas, etárias, de gênero, ideológica. Enfim, a televisão está onipresente no cotidiano social.

Para uma pesquisa que lide com a TV essa é necessário um estudo com base sólida, apenas oferecida por uma metodologia cuidadosamente articulada e escolhida pode oferecer. O objetivo deste trabalho é explicar e demonstrar alguns aspectos de uma possível metodologia dos estudos culturais aplicada à pesquisa sobre televisão. Retomar-se-á parte do percurso da história metodológica da escola britânica e depois uma explanação a cerca da metodologia proposta e com reflexões/justificativas para o seu uso.

Trajétoria metodológica dos Estudos Culturais

Os anos 60 foram marcados por uma série de tumultos sociais e por conseqüência o surgimento de movimentos sociais que desafiariam as regras estabelecidas sugerindo formas alternativas de expressões culturais e organização da sociedade. Neste contexto que surge embrionariamente em 1964 o Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), um centro de pesquisa de pós-graduação ligado ao English Department da Universidade de Birmingham. O eixo principal foi "as relações entre culturas contemporâneas e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais" (Escosteguy, 2001, p. 152).

(...) os estudos Culturais devem ser vistos tanto sob o ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto sob o ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos. (Escosteguy, 2004, p. 137)

Havia na presente conjuntura social e política da Inglaterra o embate entre o proletariado e a burguesia. Hoggart em sua pesquisa "The Uses of Literacy" (1957) foca os materiais culturais, antes desprezados da cultura popular. Os produtos da cultura popular e dos meios de comunicação de massa, antes desprezados, são valorizados/descobertos neste momento como uma resistência, a massificação ou a alienação, e expressão dos rumos da cultura contemporânea, portanto, uma cultura a ser estudada. Traçando conexões entre a linguagem, as crenças, os valores, a vida familiar, as relações de gênero, os rituais da classe operária britânica e instituições tipicamente pertencentes àquela cultura.

No que tange a questão metodológica, a ênfase foi o trabalho qualitativo, pois deixava de lado o funcionalismo estrutural americano não abarcava a compreensão das temáticas propostas. E no trabalho etnográfico incide os valores e sentido vividos, as perspectivas fenomenológicas e o interacionismo simbólico, respondendo as questões levantadas sobre o significado da cultura e as representações das práticas vividas (o foco de toda produção de sentido).

Negociações complexas com marxismo e a semiótica, com várias tradições sociológicas e etnográficas que culminou em diversos e grandes *corpus* de trabalho: teoria subcultural e estudos de mídia baseados num modelo de codificação e decodificação.

Nos anos 70, a recessão econômica mundial fez estourar a bolha da prosperidade do pós-guerra e o discurso sobre uma "sociedade da pós-escassez" foi substituído por outros, que falavam da diminuição das expectativas, redução do crescimento e necessidade de reorganização da economia e o Estado (Kellner, 2001, p. 25).

Voltou-se para questões como: racismo, hegemonia e thatcherismo, o que afasta os Estudos Culturais, temporariamente, dos seus pressupostos humanistas quanto da possibilidade desconstrutivas extremas de algumas versões do pós-estruturalismo.

A entrada do feminismo, segundo Nelson (2005), força os Estudos Culturais a repensar as noções de subjetividade, política, gênero e desejos. A retomada dos movimentos sociais progressistas, lutas pelos direitos humanos, liberdade civil dos oprimidos, pela paz e justiça, uma organização mais humana da

sociedade são visíveis em todos os lugares. Portanto, é vital, segundo Kellner (2001), entender o papel da cultura numa gama de lutas sócias, tendência e desenvolvimento em curso: entendimento do contexto cultural. Eis a justificativa da importante entrada do feminismo, dos estudos raciais e as questões da educação e pedagogia, expandem o campo de atuação do CCCS e os coloca como preocupação política no contexto do populismo autoritário da nova hegemonia conservadora.

O que diferencia os Estudos Culturais das demais teorias é a recusa em definir a cultura de forma isolada de outras dimensões da vida social. Conceitos como: articulação é central para entendimento do estudo a ser executado.

Identificação de operações de práticas específicas e como elas (re) definem a linha entre as culturas populares e a legítima, e o que cada uma faz em contexto específico. Questionar as conexões com estruturas contemporâneas de poder, seus próprios interesses.

Segundo Kellner (2001), a expansão dos estudos se dá no conceito de ideologia, que abarca a dominação e a resistência política cultural, o que orienta os estudos culturais para análise das produções, práticas e instituições culturais dentro das redes existentes de poder, mostrando como a cultura oferecia ao mesmo tempo forças de dominação e recursos para a resistência e a luta.

Na primeira metade dos anos 70, os estudos centravam-se na emergência de vários movimentos sociais e culturais que se mostravam resistentes em alguns aspectos da estrutura dominante de poder. "(...) no período pós 68, os Estudos Culturais transformariam - se numa força motriz da cultura intelectual de esquerda" (Escosteguy, 2004, p. 142).

A partir da segunda metade da mesma década, percebe-se a importância crescente dos meios de comunicação de massa, vistos não somente como entretenimento, mas como aparelhos ideológicos do Estado. (Escosteguy, 2001, p. 160)

A preocupação dos efeitos da cultura e uso que o público fazia das produções culturais é base para a análise da estrutura ideológica e inaugura a fase de descoberta da análise da ideologia.

A metodologia baseia-se na análise textual e as repercussões: o poder do texto sobre o receptor. O que acentua a natureza complexa, o dinamismo e a atividade. Um jogo sutil de intercâmbios entre as duas culturas, a hegemônica e a popular.

Stuart Hall esteve à frente do Centro nesta época, 1969 a 1979, contribuindo no incentivo do desenvolvimento de estudos etnográficos, análises dos meios massivos e as investigações de prática de resistências dentro de subculturas.

A cultura foi encarada como uma rede de práticas e relações que constituíram a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano. Com este pensamento E. P. Thompson refutava o entendimento da cultura enquanto uma forma de vida global, e sim, como a luta entre modos de vidas diferentes. (Escosteguy, 2004) Isso explica como os estudos se tornaram mais políticos que analíticos, a ênfase dada à complexidade do processo ideológico e cultural.

A relação da Escola Cultural com o Marxismo desenvolve-se através da crítica de certo reducionismo e economicismo, em que a cultura seria somente explicada pelas determinações econômicas excluindo os movimentos sociais, resultando na contestação do modelo base – superestrutura, uma resistência à noção de falsa consciência. Johnson (2004) destaca que são três as premissas principais de influência de Marx nos Estudos Culturais:

A primeira é que os processos culturais estão vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as pressões de idade. A segunda é que a cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. E a terceira que se deduz das outras duas, é que a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais. (Johnson, 2004, p. 13)

No período de 1975 a 1985 a teoria neo marxista inspirou a análise cultural, um paradigma estruturalista e culturalista. O conceito de hegemonia de Gramsci, um foco mais político, mais estreito ao campo nas análises conjunturais desenvolvidas por Stuart Hall.

Os estudos de audiência ganham destaque, a preocupação centrava-se nas diversas leituras ideológicas. O ponto de partida para Escosteguy (2005) foi um modelo analítico de Stuart Hall (1973) em que deslocava o foco do texto para a audiência. O ensaio "Codificação Decodificação" revela o processo de comunicação televisiva em quatro momentos distintos: Produção, Circulação, Distribuição/Consumo e Reprodução. Estas etapas estão articuladas entre si e determinadas por poderes intencionais.

A codificação, momento da produção, é a consideração da imagem que o meio faz do receptor e também dos códigos profissionais dos produtores. A decodificação, momento do consumo/recepção, de como o código ou a mensagem é entendido pelo receptor.

A análise de Hall contempla três estratégias básicas de leitura/recepção: dominante, quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências de sua construção; oposicional, quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem, mas interpreta seguindo uma estrutura de referência alternativa, isto é, outra visão de mundo; negociada, quando o sentido da mensagem entra 'em negociação' com as condições particulares dos receptores, compondo-se de um misto de lógicas contraditórias que contém tanto os valores dominantes quanto argumentos de refutação. (Escosteguy e Jacks, 2005, p. 40).

Surgem novas modalidades de análise dos meios de comunicação, a combinação de análise de texto com a pesquisa de audiência. A recepção é o foco da crítica, pois há uma subvalorização das estratégias de poder dos 'meias' e/ou desconsideração dos limites que o próprio texto impõe. Esta nova área de investigação denominada de etnografia da audiência coloca sob suspeita as teorias estruturalistas e semióticas a respeito do poder do texto.

Com advento da cultura da mídia, os indivíduos são submetidos a um fluxo sem precedentes de imagens e sons dentro da sua própria casa, e um novo mundo virtual de entretenimento, informação,

sexo e política está reordenando percepção de espaço e tempo, anulando distinções entre realidade e imagem, enquanto produz novos modos de experiência e subjetividade. (Kellner, 2001, p. 27)

Os estudos articulados entre o texto e o receptor, entre os sentidos do texto (produto) e a recepção, procuravam relacionar um gênero ou tipo de programação com sua recepção e o deslocamento de programas factuais para a ficção, isto é, o reconhecimento do prazer. O meio de comunicação de massa que recebeu mais atenção para estes estudos foi a TV, embora a literatura popular e filmes também tivessem seu espaço.

Segundo Kellner (2001), com o advento da TV pós-guerra, mídia transformou-se em força dominante na cultura, na socialização, na política e na vida social. As tecnologias de entretenimento domésticas, como TV e computadores pessoais, aceleraram a disseminação e o aumento do poder da cultura veiculada pela mídia, é apontada criticamente pelo autor. As formas visuais e verbais (TV) substituem as formas textuais (livros e impressos). Novos conhecimentos foram necessários para decodificar esta nova forma de dominação da sociedade.

Na década de 80, definem-se novas modalidades de análise dos meios de comunicação. Multiplicam-se os estudos de recepção dos meios massivos, especialmente no que diz respeito aos programas televisivos. Também há um redirecionamento no que diz respeito aos protocolos de investigação. Estes passam a dar uma atenção crescente ao trabalho etnográfico. (...) algumas pesquisas empíricas dessa época apontavam para a importância do ambiente doméstico e das relações dentro da família na formação das leituras diferenciadas. (Escosteguy, 2004, p. 152-153)

Escosteguy e Jonhson (2004) destacam duas influências diretas na mudança dos estudos desta época: o aparecimento dos teóricos franceses Michel de Certeau, Michel Foucault e Pierre Bourdieu; e a internacionalização dos Estudos Culturais.

Nos anos 90, "é o início da despolitização dos Estudos Culturais" (Escosteguy, 2004, p. 149), conseqüência da internacionalização a fragmentação e a trivialização dos estudos de "luta" e "resistência". Há um relaxamento na vinculação política. A erosão de crenças nos anos 80 inicia a crise do marxismo dentro dos Estudos Culturais, como indica McRobbie (2005), é o declínio na centralidade das 'narrativas fortes'.

Pontos que causaram a crise do marxismo dentro dos Estudos Culturais, pois a forma de pesquisa deve ser, nesta perspectiva, contra o reducionismo e o economicismo, contra a metáfora de base e da super estrutura. O que causa o sentido de urgência política.

McRobbie (2005) lamenta que o desaparecimento do marxismo tenha sido em resposta à perplexidade e o enfraquecimento da Esquerda, eis o que causa o sentido de urgência. A pós-modernidade viria muito mais lúdica mascarando um conservadorismo. O que não ajuda na urgência do sentido político.

O cenário atual figura-se nas novas tecnologias que alteraram os padrões da vida cotidiana e reestruturaram poderosamente o trabalho e o lazer. Estas propiciam poderosas formas de poder social por meio de técnicas de doutrinação e manipulação mais eficientes, sutis e ocultas, o que as torna ambíguas e com efeitos divergentes.

Focos e conceitos são revisados e modificados, o conceito crítico de 'classe' desloca-se para as questões de identidade e subjetividade. As identidades não devem ser tomadas de forma essencialista, mas a captura das experiências é com este enfoque que são feitas a investigação sobre audiência.

Uma das implicações deste recorte é o lugar da formação da identidade. Isso permanece implícito nas – através das – práticas culturais da vida cotidiana. Isso quer dizer que a identidade deve contemplar como as pessoas se vêem a si próprias. É o sentido do projeto sobre – e expressado em – uma gama de práticas culturais em expansão, incluindo textos, imagens e mercadorias.

As relações da identidade, engendrada com a ênfase nos recorte étnico e a incorporação das novas tecnologias, é a nova estratégia metodológica calcada na etnografia e na observação participante, em busca da capacidade de ação dos mais diversos grupos sociais.

As interações ou determinações são feitas entre áreas, plenamente constituídas no social, mas um campo de semi-identidades relacionadas nas quais os elementos políticos, ideológicos e econômicos nunca conseguirá construir-se como objeto separado.

Portanto, a identidade como incompletude não deve ser encarada como perda da capacidade política. As fragmentações e as pluralidades emergentes da identidade apontam para novas formas de luta; criar condições que são mais difíceis de manipular e controlar. À medida que o controle social se dispersa, as estratégias tornam-se desprotegidas.

Questões como raça e etnia, o uso e a integração de novas tecnologias como o vídeo e a TV, assim como seus produtos na constituição de identidades de gênero, de classe bem como as geracionais e culturais, e as relações de poder nos contextos domésticos de recepção, continuam na agenda, principalmente, das análises de recepção. (Escosteguy, 2004, p. 167)

A investigação da audiência continua com a finalidade de "refletir sobre a comunicação midiática como clivagem dentro do amplo espectro proposto pelos Estudos Culturais". (Escosteguy, 2004, p.167)

A Metodologia dos Estudos Culturais para a Televisão

Os Estudos Culturais pertencem a uma vertente sócio-cultural dentro da grande área de pesquisa que é a Comunicação. Esta perspectiva encontra-se na fronteira entre as Humanidades e as Ciências Sociais. A sua preocupação central é que o lugar, no presente caso é o receptor, que é responsável pela concepção do significado. No caso da TV é importante o contexto da TV e sócio econômico políticos dos receptores, pois são eles que dão o significado ao que é transmitido pela TV.

O objetivo da vertente explorada neste trabalho "é mostrar que as diferentes interpretações dadas por diferentes grupos e também as diferenças interpretativas entre emissores e receptores". (Escosteguy, 2005, p. 48). O uso dos meios num determinado contexto social, assim como identificar o processo de produção de sentido entre experiência e produtos culturais.

O corpo teórico configura-se heterogêneo buscando uma "solidez" exigida para a sua legitimidade. "Precisamos de definições dos Estudos Culturais a fim de poder lutar de forma eficaz nestes contextos, de

argumentar em favor de recursos, clarificar nossas mentes na correria e na confusão do trabalho cotidiano e de estabelecer prioridades para o ensino e para a pesquisa". (Johnson, 2004, p. 18)

Johnson (2004) argumenta que no plano social precisamos de perspectivas que nos permitam observar a totalidade e não fragmentos. O autor aponta que nenhuma disciplina apreende os objetos da cultura por inteiro e que cada abordagem revela um pequeno aspecto da cultura. Portanto, é necessário:

(...) um tipo particular de estratégia de definição que revise as abordagens existentes, identificando seus objetos característicos e a abrangência de sua competência, mas também os seus limites. Na verdade não é de uma definição ou de uma decodificação que nós precisamos, mas de 'sinalizadores' de novas transformações. Não se trata de uma questão de agregar novos elementos às abordagens existentes (um pouco de Sociologia aqui, um tanto de Lingüística acolá), mas de retornar os elementos das diferentes abordagens em suas relações mútuas (Johnson, 2004, p. 19).

O encaixe dos sistemas de produção para uma construção intertextual, é o uso da Interdisciplinaridade para assim atingir uma complexidade compatível com o contexto, a sociedade e o produto, para ser lido e interpretado. Ultrapassar limites e fronteiras entre as disciplinas, procurar as interconexões entre cultura e comunicação e suas ligações com a sociedade em que são produzidas, distribuídas e consumidas.

Ao lançar mão da interdisciplinaridade, teoriza-se o complexo e as contradições existentes na relação mídia/cultura/comunicação e as pessoas, como vimos anteriormente, resistem e/ou subjugam - se à hegemonia vigente, ao senso comum sem uma reflexão crítica.

Johnson (2004) é desfavorável à codificação de métodos ou conhecimentos por acreditar que é contra as principais características dos Estudos Culturais: sua abertura e versatilidade teórica, seu espírito reflexivo e, especialmente, a crítica. Esta como um conjunto de procedimentos pelos quais outras disciplinas podem contribuir ou inibir o processo.

Com apoio na afirmação: "A crítica apropria-se dos elementos mais úteis, rejeitando o resto" (Johnson, 2004, p. 10) e na terceira estratégia de definição dos Estudos Culturais, citada pelo mesmo autor (p. 23), que consiste em perguntar: Qual é o Objeto a ser estudado? O que os Estudos Culturais dizem a respeito do mesmo? É que iniciamos um esboço metodológico o que foi proposto.

É importante ressaltar que a centralidade dos Estudos Culturais está nas análises com interpretações engajadas socialmente e politicamente em fatores extra-textos (no contexto e suas implicações). O contexto em que a TV está inserida nas amplas práticas culturais e sociais.

As categorias analíticas, portanto, são fundamentadas em teorias da estrutura social e da subjetividade, mais que nas teorias literárias, mantendo-se a primazia da função interpretativa do pesquisador, que deve buscar nas formas culturais as bases para tal. (Escosteguy, 2005, p. 45)

O primeiro passo trata-se da contextualização, no caso, da televisão brasileira. A primeira dificuldade encontrada é bibliografia, que são escassas e contraditórias. A memória da televisão brasileira é tão vaga quanto seus arquivos inexploráveis e de difícil acesso. É neste momento que surge a primeira justificativa para estudar-se a TV brasileira, o material escasso.

É importante ter em foco uma visão sistêmica, em que o teórico/conceitual se alie ao contexto em que o objeto está inserido. A problemática teórica que se apresenta reside tanto no popular quanto na academia, cabe ao pesquisador confrontar os paradigmas e os discursos sem se desvincular da complexidade do objeto (TV).

A televisão não pode ser vista como uma relação linear, pois se reduzir os fenômenos a meras estatísticas, ignorar-se-á a gênese da sua complexidade: subjetividade e processos de produção de sentido.

Apreensão da complexidade da TV, não é apenas entender a emissão das mensagens televisivas ou analisar seu processo de produção. Compreender como as conexões são feitas, compreender a produção da conexão do mundo externo com o mundo interno, como se faz o entrelace da necessidade e do desejo em uma alternância de dar e receber.

O objeto TV deve ser estudado por vários aspectos, vários discursos. É por isso que o uso da interdisciplinaridade torna-se tão vital para um estudo como este. Guareschi (2000) sugere que entendamos primeiro o que se passa na TV para assim entender a realidade que nos rodeia.

Canclini (2002) alerta que o indivíduo, o cidadão, não pertence mais a um país, mas ao mundo, num instante, num clicar, do controle remoto, o sujeito está em contato com outras partes do mundo e as partes de realidade, que forma um todo de informações que devem ser rapidamente absorvidas. As significações e representações culturais se multiplicam e assim, nós pesquisadores, confrontamos uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis. Sendo que a cultura nacional já comprometida com esta transnacionalidade por conta da globalização. "A cultura é um processo de montagem multinacional (pós-Globalização), uma articulação flexível de partes, uma colagem de traços que qualquer país, religião e ideologia podem ler e utilizar (Canclini, 2002, p. 41)".

O autor se refere à situação da América Latina que está subjugada a cultura americana. Com uma referência cultural nacional comprometida, retoma-se Canclini (2002) e adiciona-se Hall (2003) que insere a questão da identidade. A estética sócio-cultural é baseada nos modelos americanos fenômeno que acontece em toda América Latina, por causa da quantidade de apropriações dos modelos dos programas americanos, com a exibição dos próprios, em comparação aos programas de concepção e produção genuinamente nacional. Se os meios de comunicação de massa legitimam uma classe dominante em um país para outro, evidenciado pela substituição de notícias locais importantes por notícias internacionais, em geral de lazer.

Os Estudos Culturais indicam que é necessário examinar as formas de subjetividade do ponto de vista de suas pressões ou tendências, especialmente seus lados contraditórios. Examinar os princípios do movimento tanto quanto a sua combinação, como observa Johnson (2004). Depois as "histórias das formas de subjetividade, nas quais possamos ver como as tendências são modificadas pelas outras determinações sociais, incluindo aquelas que estão em ação através das necessidades materiais (Johnson, 2004, p.30)".

Os pontos apenas citados são para ilustrar a complexidade e como foi necessário o uso de outras disciplinas (Psicologia e Sociologia) para fazer um esboço das formas sociais subjetivas e os diferentes modos de existência possível.

Os dados recolhidos devem agregar significados e assim gerar conhecimento, o que é conseguido com a contextualização. O sentido e o significado são atribuídos, interpretados e absorvidos na construção do conhecimento.

O estudo da programação faz-se necessário para refletir a representação do circuito da produção, circulação e consumo dos produtos culturais. Todos os produtos culturais, no caso programas de TV, exigem uma pesquisa em que devem ser considerados mais que textos, produtos, mas manifestações e representações sociais. O que no faz compreender as transformações e as condições específicas do consumo e da leitura. A produção de possibilidades e conexões é função do pesquisador.

O contexto social aliado à responsabilidade social da ciência, o beneficiário é o coletivo. A grande luta dos Estudos Culturais é o deslocamento da academia para a vida cotidiana, sua origem vem das lutas populares, "tentativa para ir além da oposição bastante estéril entre racionalismo e empirismo, em busca de uma formulação mais produtiva da relação entre teoria e 'estudos concretos' (Johnson, 2004, p. 14)" Ponto de dissidência com a Escola de Frankfurt, pois os Estudos Culturais "valorizam formas de cultura como cinema, televisão e música popular, deixadas de lado pela abordagem anterior, que tendiam a utilizar a teoria literária para analisar as formas culturais ou para focalizar, sobretudo, ou mesmo apenas, as produções da cultura superior (Kellner, 2001, p. 49)".

A informação deve ser participativa e o conhecimento partilhado. A informação é o bem simbólico mais desejado, o conhecimento aplicado. Por isso, as pesquisas com o recorte teórico nos Estudos Culturais devem ser referenciais, isto é, o pesquisador entra em contato com o objeto em seu estado puro, em seu ambiente natural, no seu contexto. Existe a opção de aprofundar este contato, a pesquisa etnográfica tem a sua origem na Antropologia e tem sido amplamente usada nos estudos. Trata-se de um método de registro que amplia a perspectiva de análise para contemplar um ponto de vista mais abrangente e permitir uma leitura interpretativa da realidade.

Eis que se abre um espaço de dialogicidade, onde é necessário um trabalho/pesquisa para se fazer um conhecimento. É o palco da interdisciplinaridade e suas interações/conexões. Um processo de troca, uma ação compartilhada e não apenas transmissão de mensagens.

Ao estudar a programação é importante verificar as proporcionalidades dos programas na grade total, o seu tempo diário. Segue-se, então, uma descrição do mesmo. Isso permite a análise e a percepção dos referentes culturais. O que estes programas oferecem? É a pergunta norteadora da interpretação/análise, pois se tratam de discursos e significados que constituem o material bruto e que indicam as condições específicas culturais de produção.

O que é prioridade? Qual é o formato? O que é abordado? Como? Estas perguntas são reveladoras de sua produção, da comercialização em diferentes níveis, a composição, a edição, a promoção; põem em descoberto as unidades industriais, as estratégias das empresas.

O pesquisador deve ajustar o método àquelas características da cultura percebida na análise da programação/programas de TV, isso quer dizer a pesquisa deve-se adaptar-se ao seu objeto científico. A TV baseia-se em projetos conhecidos tecnicamente e que passam a ser de domínio público em sua exibição. Os

programas passam a ser vistos tanto em sua totalidade (programação) quanto isolados de condições sociais (como texto).

A avaliação, aceitação pública acontece em várias escalas: instrumento técnico-social, símbolo nacional, interesses em jogo, campo de uma guerra simbólica (em torno do significado) e o consumo da leitura (audiência).

(...) nas condições sociais modernas, esses processos são intrínsecos aos circuitos culturais e que eles são produzidos por 'relação de poder', ao mesmo tempo em que os produzem. Mas a evidência mais clara para isso está em algumas repetidas diferentes formas de estudo cultural. (Johnson, 2004, p. 41)

A apreensão dos processos produzidos deve considerar as manifestações e a contextualização. Atenção recai nas estruturas sociais e o contexto histórico como fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios.

Os sujeitos sociais estão envolvidos no processo de produção, interpretação e negociação dos sentidos. O sujeito torna-se consumidor de imagens, e a TV vive conforme é absorvida pela demanda dos telespectadores. Eis a razão para estudar a TV além do seu histórico cultural e os seus produtos, deve chegar ao receptor.

A TV sobrevive conforme é absorvida pela demanda dos telespectadores, sendo convidado a experimentar mundos diversos advindos da programação que é apresentada, interferindo direta e indiretamente nas formas arcaicas e obstinadas do ser, buscando ser aceito e elaborando seu imaginário (Pacheco, 2001)

O processo de recepção baseia-se num processo social complexo que envolve atividade contínua de apropriações, usos e re elaborações de conteúdos por parte dos sujeitos. Os estudos de recepção referem-se a uma vertente dentro do amplo quadro de investigação nessa grande área. Estabelece tensões com os princípios de causa e efeito, entrelaçando com as relações sócio-culturais entre público/audiências e meios de comunicação. Barbero apud Escosteguy (2005) desloca do eixo da Comunicação para fora dos meios, considera a sobreposição da comunicação e recepção o que compõe a cena contemporânea.

(...) a recepção vem sendo trabalhada (...) como um conjunto de relações sociais e culturais mediadoras da comunicação como processo social, ou atividade complexa de interpretação e de produção de sentido e de prazer. (Souza apud Escosteguy, 2005, p. 15).

O sujeito constrói e expressa a sua simbolização e interpretação do mundo que o rodeia, uma rede comunicacional sócio-cultural baseada em microssociedades que estão interligadas e que foram a macrossociedade.

Os processos colocados em movimentos pelos receptores na sua prática com os meios são cada vez mais considerados como processos perceptivos, cognitivos, afetivos, relacionais, com base na intencionalidade, visando produzir significações e sentidos para suas ações. Segundo Lopes (1993), a pretensão de construir uma teoria compreensiva da recepção, esta deve realizar-se com pesquisa empírica qualitativa em que inclui uma análise empírica comparativa dos meios com os discursos da audiência, da estrutura de conteúdos com

as estruturas das respostas da audiência relativa àquele conteúdo. Os resultados desta análise são interpretados com referências aos sistemas sócio-cultural circundante que, novamente, é conceituado como configuração histórica de práticas sociais, contexto de uso e comunidade interpretativa.

Os programas televisivos são representações da vida cotidiana e que chegam até o receptor em um lugar especial, fixo, seguro e confortável, sua casa. E essas produções tornam o privado, público. As análises devem ser cuidadosas no que revele e como revele as representações, pois as "abstrações nas formas reais da comunicação pública subjaz toda a gama de métodos que focalizam a construção da realidade através das próprias formas simbólicas, tendo a linguagem como primeiro modelo, mas o momento-chave é a objetivação da linguagem no texto" (Johnson, 2004, p. 46-7).

A pesquisa da recepção deve estar calcada em uma teoria da estrutura social e disposições sócio-culturais e sócio-psicológicas (de como os indivíduos interagem e compreendem as mensagens). Lopes (1993) indica as seguintes metodologias como prática interdisciplinar e estratégica de multi-métodos: 1) entrevistas em profundidade e a observação participante; 2) realizar pesquisas de caráter longitudinal (o fenômeno em termos diferentes) e inter-cultural (comparativa) através de pesquisa complexas que envolvam tanto o plano individual como o estrutural; 3) elaborar categorias de análise de conteúdo, não apenas em bases semiológicas ou literárias, mas também em teorias da estrutura social e da subjetividade.

Escosteguy (2004) destaca a identificação de três posições hipotéticas do receptor frente à televisão feita por Hall (1980): uma posição "dominante" ou "preferencial" quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências da sua construção; uma posição "negociada" quando o sentido da mensagem entra "em negociação" com as condições participantes dos receptores; e uma posição de "oposição", quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem segundo uma estrutura de referência alternativa.

Conclusões e Reflexões

Kellner (2001) faz referência a mesma distinção de leitura proposta por Hall (1980) e destaca por Escosteguy (2004) dizendo que trata - se de "um fetichismo da resistência em algumas versões dos Estudos Culturais" (p. 57)

Johnson (2004) ciente da complexidade faz reflexões sobre os problemas epistemológicos e práticos das teorias existentes. Uma das características-chave dos Estudos Culturais: fragmentações teóricas e disciplinares já observadas. Fazer perguntas sobre os objetos, métodos e teorias, ir além do que já foi estudado, superar limites e potenciais políticos das diferentes posições em torno do problema/objeto.

O estudo de questões epistemológicas para a reflexão da pesquisa é um movimento que deve ser contínuo no andamento (prática) da pesquisa. Esta reflexão cria uma atitude consciente e crítica ao longo do desenvolvimento da pesquisa, também decide o ajustamento entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

No entanto, para atingir a abordagem proposta pelos Estudos Culturais não é uma teoria acabada, mas aqui se trata de um esboço que serviria para ilustração e orientações futuras.

Totalmente imersa no contexto social incide variedades e diversas combinações. Eis a importância de realizar novos encontros disciplinares, propor novas categorias de análise e de propiciar um trabalho mais

complexo. Assim, como sinaliza Lopes (2004), fugir do erro epistemológico de continuar tratando a comunicação como objeto de estudo numa perspectiva meramente instrumental, quer seja através de crítica meramente ideológica, quer seja através da afirmação funcionalista.

Kellner (2001) faz uma crítica sobre abordagens que são levadas ao extremo. Pois, segundo o autor, “a valorização incondicional da resistência do público a significados que gozam da preferência geral, como o bom para si, pode conduzir ao elogio populista acrítico do texto e do prazer do público no uso das produções culturais” (Kellner, 2001, p. 58).

Portanto, ambos os autores alertam para o cuidado no uso indiscriminado de conceitos, tornando o trabalho tendencioso e fechado para novos pontos de vista. Separam na estrutura os métodos de classificação, e o que irá realizar, ao longo da pesquisa torna-se imprescindível para que o trabalho não perca o foco.

O esboço metodológico aqui proposto articula um percurso das metodologias usadas ao longo da história dos Estudos Culturais, o que resulta em um raciocínio e uma justificativa do uso dos Estudos Culturais para o estudo da TV.

Segundo Lopes (2004) a construção do objeto científico é de caráter epistemológico, um sistema de relações expressamente construído ao longo de um processo de objetivação. A escolha, o recorte e a estruturação dos fatos até o procedimento de técnicas de coleta de dados, processo de objetivação, o conjunto dos métodos e das técnicas que elaboram o objeto de conhecimento (TV).

Ao refletir sobre o objeto, um movimento crítico, percebo que não se trata de algo linear, mas multifacetado com variáveis culturais e sociais incidindo sobre ele. Na opção dos Estudos Culturais, o contexto deve ser levado em conta, o objeto TV deve ser estudado tanto como produto quanto em sua representação e representatividade em relação ao receptor.

A elaboração da problemática é a interrogação sistemática dos aspectos da realidade em relação por um conjunto de questões teóricas e práticas. Formulações de hipóteses devem estar atreladas à elaboração da problemática. Conhecer o campo teórico é essencial para a adequação entre o objeto e a problemática, a relevância do objeto de estudo.

O que nos leva ao terceiro nível, o técnico, a representação pública relacionada à vida privada implica nas condições da produção (programação/programas) para se tornar em um texto (público) para as várias leituras que, por sua vez, dependem do abstrato universal e o concreto particular para aceitação ou recusa. Transformando-se em uma cultura vivida, a experiência é usada como referência para a produção.

Ao pensar em estudo da recepção, portanto, estudar-se-á programação em suas características e estruturas, logo, vê-se como o indivíduo recebe estas mensagens. E é por fim, revela-se com a TV está inscrita em práticas culturais e sociais deste cotidiano.

Atitude possível do pesquisador diante da complexidade da TV, como foi citado anteriormente é a escolha, como combinar as teorias e conceitos que abarquem aquela realidade, aquele contexto. E evitar a ausência de reflexão sobre os mecanismos e processos dentro do andamento da pesquisa, e também da TV como objeto da pesquisa.

O passado e o futuro desempenham o mesmo papel na existência de um fato ou fenômeno, o que dá a pesquisa capacidade de observar o presente e “prever” o futuro. Esta produção de saber serve para a nossa compreensão do mundo, e no caso em específico deste universo teórico que cerca a televisão. As opções teóricas resultaram num aprofundamento e conseqüentemente em uma atualização de saberes.

Lidar com a fragilidade do saber fundamentado no senso comum ou na tradução de uma realidade é o desafio do pesquisador que opta por este recorte teórico. É necessário dispor de conhecimentos variados e metodicamente elaborados, para constituir uma base sólida. O pesquisador é observador da realidade, ou melhor, de um recorte da realidade, de um momento ímpar, que pertence apenas aquele olhar. Um momento que não irá se repetir, pois é único. E naquela amostragem o fenômeno também é único, pois as subjetividades são variadas assim como as culturas que as constituem.

Referências

CANCLINI, N. G. 2002. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ.

ESCOSTEGUY, A. C. 2004. Estudos Culturais: uma introdução *In: T. T., SILVA (org.), O que é, afinal, Estudos Culturais?*, Belo Horizonte, Autentica, p.133 – 223.

_____. 2001. Trajetória dos Estudos Culturais *In: A., HOHLFELDT, et al. Teorias da comunicação*. 2ª ed. Petrópolis, Vozes.

_____. 2005. *Comunicação e Recepção*. São Paulo, Hackers Editores.

GUARESCHI, P. 1999. *Os Construtores da Informação*. Petrópolis, Vozes.

HALL, S. 2001. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. São Paulo, DP&A.

HOHLFELDT, A. et al. 2001. *Teorias da comunicação*. 2ª ed. Petrópolis, Vozes.

JOHNSON, R. 2004. O que é, afinal, Estudos Culturais? *In: T. T., SILVA (org.), O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte, Autentica, p. 07–132.

KELLNER, D. 2001. *A Cultura da Mídia*. Bauru, EDUSC.

LOPES, M. I. V. de. 1993. Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção. *In: INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação*, **XVI**(2):78-86, São Paulo.

LOPES, M. I. V. de. 2004. Pesquisa em comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. *In: INTERCOM – Revista Brasileira de Ciência da Comunicação*, **XXVII**(1):13-39, São Paulo.

MCROBIE, Â. 1995. Pós Marxismo e Estudos Culturais *In: T. T., SILVA (org.), Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 6ª ed. Petrópolis, Vozes. p. 39–50.

NELSON, C. 1995. Estudos Culturais: uma introdução *In: T. T., SILVA (org.), Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 6ª ed. Petrópolis, Vozes. p. 07–38.

PACHECO, E. D. 2001. *Televisão, Criança e Imaginário*. Petrópolis, Vozes.

SILVA, T. T. (org.). 2004. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte, Autentica.